

# Não se nasce professor, torna-se professor

*Joaquim Gomes*

04

Este relatório objetiva explicar informações acerca das atividades realizadas durante o período de Estágio Supervisionado de intervenção no Ensino Fundamental II, evidenciando a relação entre os conhecimentos teóricos construídos na academia com a prática docente. O Estágio Supervisionado II é essencial para a formação do aluno, levando em consideração que, muitas vezes, essa é a primeira experiência que o estudante de licenciatura tem em sala de aula como ministrante de conteúdos.

A minha experiência como estagiário de Língua Portuguesa ocorreu em turmas do 7º e 8º anos concomitantemente. A partir dessa vivência, tive a oportunidade de colocar em prática o meu conhecimento construído na universidade, ampliando a minha visão sobre o que é estar em um ambiente escolar com a função social de educador.

As minhas aulas foram ministradas através de diversos gêneros textuais e literários, evidenciando as suas características e especificidades. Nesse sentido, o ensino de língua materna torna-se mais rico e interativo, tendo em vista que o foco das aulas de Língua Portuguesa não são mais frases descontextualizadas, utilizadas apenas para fins classificatórios.

Ainda convém lembrar que os conteúdos foram selecionados pensando na Olimpíada de Língua Portuguesa, já que é um concurso de produção de textos para alunos de escolas públicas de todo o país. Dessa forma, elaborei uma sequência didática voltada para os gêneros crônica e memória literária, pois o objetivo era que os alunos reconhecessem as características e produzissem esses gêneros para obter um resultado satisfatório na prova.

O tema das produções é “O lugar onde vivo”, que direciona os alunos a criar vínculos com a comunidade e aprofundar o conhecimento sobre a realidade local, contribuindo para o desenvolvimento de sua cidadania. A partir disso, selecionei crônicas que abordam assuntos sobre o Brasil – costumes dos brasileiros – para relacionar com a realidade dos estudantes. Além disso, levei para a aula fotografias da cidade local, justamente para adentrar em assuntos regionais, como pontos turísticos da cidade e o cotidiano das pessoas que habitam no local. Infelizmente, não consegui ministrar as aulas sobre memórias literárias porque a escola onde estagiei organizou alguns eventos como o dia da família e jogos internos, impedindo de dar continuidade ao assunto. Ademais, um dia da semana das aulas de Português era voltado para o curso Jovens Empreendedores Primeiros Passos (JEPP), impedindo que o trabalho prescrito da sequência didática fosse realizado.

Nessa perspectiva, julgo como interessante informar que iniciei a aula com a leitura da crônica “Modos de ser brasileiro”, de Bráulio Tavares. Nesse momento, os alunos não paravam de conversar, mesmo solicitando silêncio, eles permaneciam com as conversas paralelas. Dessa forma, fui questionando-os (aqueles que mais conversavam) sobre a rotina escolar, logo após, paulatinamente, todos fizeram silêncio e participaram da aula. Então, dei continuidade com a leitura. Nessa perspectiva, trabalhar o texto em sua completude (abordando aspectos linguísticos e sociais) é de suma importância, uma vez que os estudantes ficam mais participativos, opinando sobre determinados assuntos, justamente por a aula de língua se tornar

mais interativa. Assim Francelino relata que:

[...] a leitura é uma atividade constitutivamente interativa e extremamente complexa de produção de sentidos, que se realizam evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo (FRANCELINO, 2010, p. 37-38)

Dessa forma, fiquei muito satisfeito com a escolha da crônica citada anteriormente, porque, enquanto eu realizava a leitura do texto, os alunos dialogavam na aula sobre a temática “O lugar onde vivo” a partir de suas vivências. Após o término da aula, fiquei refletindo sobre esse momento e vejo o quanto é importante os textos teóricos lidos na academia, porque sem esse embasamento, provavelmente as minhas aulas seriam puramente estruturalistas.

Além disso, no que diz respeito às minhas estratégias para conseguir atenção dos alunos e ministrar o conteúdo gramatical foi utilizar ferramentas tecnológicas como slides, vídeos interativos e músicas para chamar a atenção dos discentes – vale salientar que o conteúdo passado nos meios tecnológicos era associado ao tema dos textos escritos. Ademais, as obras selecionadas do “lugar onde vivo” foram utilizados para fazermos análise linguística, e não utilizada como pretexto apenas para fins gramaticais, mas sim reflexivo.

Um aspecto importante a ser ressaltado: como a turma era SETA (7º e 8º anos juntos), eu teria que ministrar aulas sobre o JEPP, o que atrasou a progressão dos assuntos de Língua Portuguesa do 2º bimestre. Então, a professora titular da escola pediu para que eu adiantasse o assunto sobre o sujeito e interrompesse, tem-

porariamente, as aulas sobre os gêneros crônica e memórias. Nesse sentido, tentei abordar o conteúdo sobre essa função sintática partindo do texto, mostrando os efeitos de sentido causados pela escolha de um determinado tipo de sujeito, seja ele determinado ou indeterminado. Dito isso, lembrei da seguinte citação de Antunes (2003 p. 87): “Adianta pouco saber que o “sujeito” de determinada frase é indeterminado, por exemplo. O que adianta mesmo é saber que efeitos práticos se conseguem com o uso de um determinado tipo de sujeito”.

Apesar da minha persistência para que os alunos entendessem o assunto – a identificação do sujeito e a sua funcionalidade no texto – senti que não consegui, satisfatoriamente, que todos entendessem o que eu estava ensinando, pois percebi que eles não sabiam reconhecer o verbo, que é pré-requisito para entender o conteúdo. Além disso, outro ponto que considerei como negativo na minha intervenção: não foi possível dar continuidade com a minha sequência didática (não por minha culpa), mas pelos eventos e feriados que impossibilitaram de ter aula e, conseqüentemente, não pude solicitar a primeira produção de memórias literárias e trabalhar os problemas de escrita, abordando tanto aspectos linguísticos, como também de gênero.

A minha experiência no estágio supervisionado de intervenção no ensino fundamental foi um dos momentos mais enriquecedores para a minha formação docente, pois tive a oportunidade de ministrar aulas durante um bimestre, resultando em um contato mais intenso com o ambiente escolar. Ademais, reforcei a importância das teorias abordadas durante a graduação, sobretudo as que dizem respeito ao ensino de



(Katerina Holmes/Pexels)

língua pautado nos gêneros textuais/literários.

Nesse sentido, a minha vivência na escola como professor/estagiário me proporcionou uma percepção mais detalhada do alunado, considerando-o um sujeito ideológico e histórico e não apenas uma pessoa para “depositar conhecimento”, até porque o conhecimento não é dado, é construído a partir da relação entre aluno e professor.

O estágio supervisionado de intervenção me fez ter a certeza de que, realmente, desejo me tornar professor, apesar das dificuldades e os imprevistos que esse profissional se depara em seu ambiente de trabalho, por isso volto a dizer que, para mim, o estágio não se limita apenas a um componente curricular que o estudante deseja ser aprovado (isso também), mas sim um momento único em que o graduando se

identifica ou não com a atuação docente e, assim, vai construindo aos poucos a sua identidade como professor.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

FRANCELINO, Pedro Farias. A construção da competência leitora em aulas de língua portuguesa: saberes necessários para a formação docente. In: **Ações de linguagem: da formação continuada à sala de aula.** PEREIRA, Regina Celi Mendes (org). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010.